
A interação social de pessoas com síndrome de Down: uma análise das pesquisas

The social interaction of people with Down syndrome: an analysis of research

Carolina Marques da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7354-7694>

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

E-mail: carolina.marques@estudante.ufscar.br

Heloise Zulin Memari

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9951-4006>

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

E-mail: heloisezulin@estudante.ufscar.br

Lívia Nicoletti

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5993-2687>

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

E-mail: livia.nicoletti31@gmail.com

CPF: 446.332.308-83

Márcia Duarte Galvani

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1092-746X>

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

E-mail: marciaduarte@ufscar.br

Polyane Gabrielle de Freitas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7849-4093>

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

E-mail: polyane-freitas@hotmail.com

RESUMO

O projeto de pesquisa visa analisar, por meio de uma revisão de literatura, a produção científica acerca da interação social das pessoas com síndrome de Down, no período de 2010 a 2021. Trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura acerca do tema interação social de pessoas com síndrome de Down. Será realizada a busca pelos estudos em três bases de dados, sendo: Scielo, Portal de Periódicos CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, utilizando as palavras-chave combinadas: síndrome de Down *and* interação social, síndrome de Down *and* relação social, trissomia 21 *and* interação social e trissomia 21 *and* relação social. Espera-se com o presente projeto de pesquisa compreender sobre a interação social de pessoas com Síndrome de Down, a maneira como a sociedade os trata e as consequências disso, enfatizando a importância da interação social.

Palavras-chave: Educação Especial; Síndrome de Down; Interação Social; Trissomia 21.

ABSTRACT

The research project aims to analyze, through a literature review, the scientific production on the social interaction of people with Down syndrome, from 2010 to 2021. It is a bibliographical review of the literature on the subject of social interaction of people with Down syndrome. The search for studies will be carried out in three databases, namely: Scielo, Portal de Periódicos CAPES and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations, using the combined keywords: Down syndrome and social interaction, Down syndrome and social relationship, trisomy 21 and social interaction and trisomy 21 and social relationship. This research project is expected to understand the social interaction of people with Down Syndrome, the way society treats them and the consequences of this, emphasizing the importance of social interaction.

Keywords: Special Education; Down's syndrome; Social interaction; Trisomy 21.

INTRODUÇÃO

O intuito do presente trabalho é analisar, por meio de uma revisão de literatura, a produção científica acerca da interação social das pessoas com síndrome de Down, no período de 2010 a 2021.

Para compreender a temática apresentada, a fundamentação teórica do estudo será dividida em dois capítulos: (1) Contextualização da síndrome de Down; (2) A importância da interação social para o desenvolvimento das pessoas com síndrome de Down.

Contextualização da Síndrome de Down

As pessoas com deficiências foram, ao decorrer da história, vítimas de um processo de exclusão total. Na antiguidade, não se tinha muitos relatos sobre a síndrome de Down (SD), a maioria das pessoas os viam ora como anjos e ora como bruxos e os primeiros materiais achados foram de cunho artísticos, nos quais pessoas com características semelhantes à síndrome de Down eram representadas através de quadros (WUO, 2017).

Em 1866, John Langdon Down publica “Observations on Ethnic Classifications of Idiots”, a fim de classificar “eticamente” os tipos de deficiência mental existentes. Assim, o termo “síndrome de Down” foi dado em homenagem a John Langdon Down, pois foi ele quem caracterizou a síndrome, antes conhecida como uma “doença” em que as pessoas representavam uma semelhança como rosto achatado, nariz pequeno e olhos oblíquos (PUESCHEL, 2000). Entretanto, ainda existem diversas denominações pejorativas, como: cretinos, idiotas, imbecis, retardados, pessoas especiais entre outros adjetivos já inseridos em nossa sociedade.

De acordo com Corretger (2011) uma pessoa sem síndrome de Down apresenta 46 cromossomos, que estão distribuídos em pares (23 pares ao total), enquanto a pessoa com a síndrome apresenta 47 cromossomos, estando presente uma terceira cópia do cromossomo 21, conhecida também como Trissomia do 21. Cunningham (2008) explica que a divisão do cromossomo ocorre devido a uma falha a separação do cromossomo 21 e essa falha se chama não-disjunção.

A presença do cromossomo 21 extra pode se apresentar de três formas, sendo: trissomia livre, translocação e mosaïcismo. A trissomia livre é a forma mais comum e ocorre em 95% dos casos e é caracterizada pela presença do cromossomo 21 extra descrito da seguinte forma: 47,XX,+21 para o sexo feminino e 47,XY,+21 para o sexo masculino. A translocação ocorre de forma esporádica e os cromossomos mais envolvidos são o 14, 22 e o 21 e o mosaïcismo, que ocorre em 1% a 2% dos casos de SD é quando há a presença de duas ou mais linhagens diferentes (BRASIL, 2020).

De acordo com as Diretrizes de Atenção à Pessoa com síndrome de Down (2020), observou-se haver uma lesão difusa do sistema nervoso, acompanhada de funcionamento elétrico peculiar no desenvolvimento cognitivo da SD, acarretando em rebaixamento nas habilidades de análise, síntese, além de comprometer a fala. Essas anomalias resultam em disfunções neurológicas, variando quanto à manifestação e intensidade.

Ainda não existem explicações sobre a ocorrência da trissomia do 21, mas alguns fatores podem estar associados, como: uso de substâncias não lícitas (droga, tabagismo) durante a gravidez, gestão na faixa etária muito baixa ou muito avançada, entre outros. A SD pode ser diagnosticada antes do nascimento, por meio de exame de ultrassonografia e pela observação de alterações fenotípicas (face com perfil achatado, fissuras palpebrais com inclinação para cima, orelhas pequenas, arredondadas e dipláticas, excesso de pele na nuca, prega palmar única, hiperextensão das grandes articulações, hipoplasia da falange média do quinto dedo. O diagnóstico definitivo só é alcançado após o nascimento, por meio do cariógrama, que trata-se do estudo do cariótipo (identidade genética de um indivíduo). (SCHWARTZMAN, 2003).

De acordo com Schwartzman (2003) a anatomia do cérebro da pessoa com SD é diferente, está relacionada a uma redução de seu volume e um número menor de neurônios em comparação a população em geral, gerando assim uma lentidão no processo de aprendizagem e dificuldade para raciocinar, entretanto esses indivíduos têm suas funções cognitivas (memória, atenção e percepção) mais aprimoradas.

Estudos sobre interação social e síndrome de Down

No cenário em que uma sociedade inclusiva passa a ser considerada um processo de fundamental importância para o desenvolvimento e a manutenção do estado

democrático, a educação inclusiva começa a configurar-se como parte integrante e essencial desse processo.

Dessa forma, a interação social é indispensável para a formação de um ensino inclusivo de qualidade na realidade da comunidade escolar, pois tanto a participação dos educandos, quanto de educadores, é imprescindível para o processo de produção de conhecimento, bem como para a formação de seres pensantes e participativos (DAVIS et al., 1989; SILVEIRA, 2012).

Nessa conjuntura, destaca-se que as atividades as quais contam com a participação dos alunos são importantes enquanto formas para socialização do conhecimento, permitindo ampliar a dimensão de determinados assuntos.(ANTUNES et al., 2009).

Em um estudo comparativo de um grupo crianças com síndrome de Down e um grupo de crianças com desenvolvimento típico, Mancini e colaboradores (2003) destacaram um atraso no primeiro grupo em relação ao segundo, no desempenho de atividades que envolviam a comunicação expressiva, compreensão, socialização e resolução de problemas. A partir disso, é notória a necessidade de adotar cuidados especializados que melhorem o desenvolvimento global dessas crianças e, ao encontro desta proposta, destaca-se a inclusão dessas crianças na rede regular de ensino, desde a formação infantil.

Consoante Bird e Buckley (1998) há evidências de que as escolas inclusivas têm se apresentado como as melhores escolas para todo tipo de criança, e que as escolas que se prepararam para receber crianças com necessidades especiais e mudaram o sistema de ensino, tiveram uma melhora significativa na educação para todas as crianças. No processo de inclusão, não somente a criança com necessidades especiais absorve aspectos positivos, mas também todas as outras crianças que passam a conviver e interagir com a diversidade e tornam-se seres humanos mais preparados para as adversidades e diferenças da vida.

Del Prette e Del Prette (2005) afirmam que a socialização se caracteriza pela ampliação e refinamento do repertório de comportamentos sociais e, simultaneamente, pela compreensão gradativa de valores e de normas que regulam o funcionamento da vida em sociedade. A aprendizagem de comportamentos sociais e de regras de convivência

inicia-se na infância, primeiramente com a família e depois, em outros ambientes como vizinhança, creche, escolas de Educação Infantil e vai depender das condições que o indivíduo encontra nesses ambientes, o que influi sobre a qualidade de suas relações interpessoais subsequentes.

Logo, ao se fazer uma interligação entre o processo de interação social e a inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down, considera-se que, ao entrarem na escola, a relação interpessoal com os colegas abre-lhes uma maior variabilidade de modelos e demandas para a aquisição de novas habilidades sociais. Em continuidade, entende-se que o desenvolvimento interpessoal (particularmente nas habilidades de resolução de problemas, autocontrole e comportamentos pró-sociais) é componente indispensável desse processo. (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Justificativa

Progressivamente, os estudos científicos sobre as problemáticas das pessoas com Síndrome de Down crescem constantemente. Entretanto, pouco é falado sobre a importância da interação social de pessoas com síndrome de Down.

A interação social, de modo geral, contribui para o desenvolvimento e processo de aprendizagem de todos, porém encontra-se poucos estudos sobre tal importância para as pessoas com Síndrome de Down.

Dessa forma, surgiram os seguintes questionamentos: O que está sendo estudado sobre a interação social de pessoas com Síndrome de Down? De que forma vem ocorrendo essa interação social?

OBJETIVO

Analisar, por meio de uma revisão de literatura, a produção científica acerca da interação social de pessoas com síndrome de Down, no período de 2010 a 2021

MÉTODO

Este estudo é caracterizado como uma pesquisa bibliográfica, que de acordo com Gil (2010) esse tipo de pesquisa possibilita que o autor esteja em contato com o material pesquisado sobre uma determinada temática, sendo elaborado com base em um material existente, como livros, artigos científicos, teses, dissertações, entre outros.

Para tanto, será realizada uma busca pelos estudos em três bases de dados: Scielo (Scientific Electronic Library), Portal de Periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Como critérios para seleção, os estudos devem ser artigos, teses e dissertações publicados no período de 2010 a 2021; (b) estarem em língua portuguesa; (c) estar em consonância com a temática interação social de pessoas com síndrome de Down. Os critérios de exclusão serão: (a) ser estudos de outra natureza; (b) não compreender o período de 2010 a 2021; (c) não estar em língua portuguesa; (d) não estar em consonância com a temática.

Fonte de dados

A Scientific Electronic Library é uma biblioteca eletrônica de livre acesso criada em 1997 e que abrange uma coleção de periódicos científicos. O Portal de Periódicos CAPES foi criado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior no ano de 2000 e seu acesso é gratuito a professores, pesquisadores, alunos e funcionários de instituições. A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) trata-se de um portal de busca contendo os textos completos das teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa.

Foram incluídos artigos, teses e dissertações publicados no período de 2010 a 2021, em português e relacionados à temática interação social de pessoas com síndrome de Down.

Procedimentos de coleta de dados

A primeira etapa foi constituída no levantamento bibliográfico de artigos, teses e dissertações nas bases de dados selecionadas, sendo elas: Scielo, Periódicos CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). O levantamento foi realizado utilizando palavras-chave combinadas, sendo: síndrome de Down *and* interação social, síndrome de Down *and* relação social, trissomia 21 *and* interação social e trissomia 21 *and* relação social.

A seguir, serão apresentados os estudos encontrados em cada base de dados, de acordo com as palavras-chave

Quadro 1: busca realizada na base de dados Scielo.

Descritores	Estudos encontrados	Estudos selecionados
Síndrome de Down and Interação social	11	0
Síndrome de Down e Educação Social	31	2
Interação Social e Educação Especial	0	0
Trissomia 21 e Interação Social	0	0
Trissomia 21 e Educação Especial	0	0

Fonte: elaboração das autoras.

Quadro 2: busca realizada na base de dados Periódicos CAPES.

Descritores	Estudos encontrados	Estudos selecionados
Síndrome de Down and Interação social	19	2
Síndrome de Down e Educação Social	11	0
Interação Social e Educação Especial	31	0
Trissomia 21 e Interação Social	0	0

Trissomia 21 e Educação Especial	0	0
----------------------------------	---	---

Fonte: elaboração das autoras.

Quadro 3: busca realizada na base de dados BDTD.

Descritores	Estudos encontrados	Estudos selecionados
Síndrome de Down and Interação social	29	1
Síndrome de Down e Educação Social	97	1
Interação Social e Educação Especial	470	0
Trissomia 21 e Interação Social	2	0
Trissomia 21 e Educação Especial	0	0

Fonte: elaboração das autoras.

Os estudos foram obtidos pelo cruzamento dos descritores e cada pesquisadora realizou a busca individual dos estudos para garantir a confiabilidade da pesquisa. Feito isso, todo material foi reunido em um único registro para serem revisados, verificando os critérios de inclusão/exclusão.

Na base de dados Scielo foram selecionados 2 (n=2) estudos, no Periódico CAPES foram selecionados 2 (n=2) estudos e no BDTD foram selecionados 2 (n=2) Dessa forma, foram selecionados no total seis estudos (n= 6). Alguns artigos foram descartados por não se enquadrarem nos critérios estabelecidos ou por serem repetidos.

A análise do material foi realizada de forma qualitativa, organizados em: descrição dos estudos e discussão dos dados.

Procedimento de análise dos dados

Para análise dos dados, foi utilizado o método proposto por Bardin (2009) como uma técnica de análise qualitativa. Ela é dividida em três processos: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A primeira etapa trata-se da análise de conteúdo, na qual deve-se organizar os materiais, verificando a disponibilidade dos mesmos. Nesta fase, é possível avaliar o que faz sentido analisar e o que ainda precisa ser coletado.

Seguindo os conselhos de Bardin (2009), deve-se fazer inicialmente:

- a) Uma leitura flutuante do material, para ver do que se trata;
- b) Escolher os documentos que serão analisados (a priori) ou selecionar os documentos que foram coletados para a análise (a posteriori);
- c) Constituir o *corpus* com base na exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência;
- d) Formular hipóteses e objetivos;
- e) Preparar o material.

Dentro da fase de exploração do material, existe a etapa de codificação e categorização do material. Na codificação, deve ser feito o recorte das unidades de registro (tema, palavra, o acontecimento ou documento) e de contexto, que para serem selecionadas deve-se levar em consideração o custo e a pertinência. Também deve ser feita a enumeração de acordo com os critérios estabelecidos anteriormente. A enumeração pode ser feita através da presença (ou ausência), frequência, intensidade, direção, ordem e co-ocorrência (análise de contingência). Depois da codificação, deve ser feita a categorização, que seguirá algum dos seguintes critérios: semântico, sintático, léxico ou expressivo.

Por fim, na última etapa, que é a interpretação dos resultados obtidos, pode ser feita por meio da inferência, que é um tipo de interpretação controlada.

RESULTADOS ESPERADOS

Descrição dos estudos

A partir da busca realizada nas bases de dados da Scielo, Periódicos CAPES e BDTD foram selecionados seis (n=6) estudos que estavam relacionados à temática.

No Quadro 4 é apresentado os artigos, de acordo com: ano, título, autores e natureza do estudo.

Quadro: 4 Estudos selecionados após busca realizada.

Ano	Título	Autor	Natureza dos estudos
2010	Interação social de crianças com síndrome de Down na educação infantil	Patrícia Páfaro Gomes Anhão Luzia Iara Pfeifer Jair Lício dos Santos	Artigo
2012	Níveis de envolvimento de uma criança com Síndrome de Down em contextos de inclusão e Educação Especial	Eduardo Chaves Cruz Letícia Monteiro Esteves Rosangela Bertelli	Artigo
2013	Síndrome de Down Versus Alteração de Linguagem: Interação Comunicativa Entre Pais e Filhos	Maria Grazia Guillen Mayer Maria Amelia Almeida Simone Aparecida Lopes-Herrera	Dissertação
2016	Políticas Educacionais inclusivas e a Síndrome de Down: Diferentes interações no contexto educacional inclusivo	Maureen Koch Denise Regina Quaresma da Silva	Artigo
2018	Análise do repertório de habilidades sociais de pessoas com síndrome de Down	Viviane Rodrigues Bruna Bianchi Gabriela Cometa Aissa, Stefany Gabrielly Pereira de Souza Márcia Duarte Galvani	Artigo

2019	Ações culturais no processo comunicativo das pessoas com síndrome de Down	Keyla Rosa de Faria	Dissertação
------	---	---------------------	-------------

Fonte: elaboração das autoras

O estudo feito por Anhão, Pfeifer e Santos (2010) teve como objetivo analisar a interação social de crianças com síndrome de Down e crianças com desenvolvimento típico, na rede regular de educação infantil em um município do interior do estado de São Paulo. No total, seis (n=6) crianças com síndrome de Down participaram da pesquisa, na faixa etária de três a seis anos (grupo de estudo), e seis (n=6) crianças com desenvolvimento típico que frequentavam as mesmas salas dos pares com síndrome de Down, na mesma faixa etária, sendo que cada uma foi analisada através de categorias que envolvem o processo de interação social em um ambiente escolar.

Nesse sentido, os resultados destacaram que nos comportamentos observados e de acordo com a faixa etária estudada, o grupo de crianças com Síndrome de Down abordado, não apresentou características de interação social muito diferentes das crianças com desenvolvimento típico estudadas. Logo, tal análise reforça a relevância e imprescindibilidade do processo de inclusão escolar desta população.

O artigo de Esteves, Cruz e Bertelli (2012) relata a necessidade educativa da inclusão de crianças com necessidades educativas (NEE) em ensino regular, trazendo vários benefícios para ambos. Assim, o estudo avaliou a qualidade do envolvimento de uma criança com síndrome de Down inserida em uma turma do primeiro ano primário do ensino regular e o empenho da professora com a criança em contexto de inclusão e educação especial. Para a realização dessa pesquisa participaram: uma criança com síndrome de Down e duas professoras do primeiro ano do primeiro ciclo do ensino primário de uma escola pública. A turma do contexto inclusivo na qual a criança estava inserida era composta por outras 22 crianças, entre seis e sete anos de idade. Para a realização dessas observações foram utilizadas a escala de nível de envolvimento da criança e a escala de observação de empenhamento do adulto.

Foram feitas 10 horas de observações diretas em contexto de inclusão e de educação especial e as escalas foram utilizadas para recolher informações como: tipo de atividade proposta, envolvimento evidenciado pela criança em cada fase da atividade, empenhamento evidenciado pelo adulto na realização da atividade da criança. A coleta

de informações foi executada através da observação direta, de tipo naturalista não participante, em contexto inclusivo e em contexto de educação especial. Os resultados mostraram que, uma criança público alvo da educação especial quando inserida em uma sala de aula regular, adquire alguns benefícios em termos de vários aspectos do seu desenvolvimento global. Entretanto, no desenvolvimento necessário à aprendizagem de conteúdo acadêmico, o contexto de inclusão não favoreceu a evolução da criança em questão, porém talvez isso não esteja relacionado ao contexto inclusivo, mas sim à falta de empenhamento da professora. Ainda, conclui-se que, durante as aulas no ensino regular, apesar de incluída em sala de aula, a criança permanecia excluída do processo de ensino aprendizagem.

O artigo escrito por Koch e Silva (2016) foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica, com o intuito de analisar as interações entre a educação inclusiva e a síndrome de Down em diferentes contextos, precisamente no período de 2009 a 2013. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, foi realizada uma busca nas bases de dados MEDLINE/PubMed e Scielo, nas quais foram selecionados estudos que se enquadravam nos critérios de inclusão, sendo eles artigos publicados entre 2009 e 2013, do tipo observacional, relato de pesquisa e estudo de caso.

Foram encontrados 11 artigos, sendo três (n=3) publicados em 2009, três (n=3) em 2010, um (n=1) em 2011, dois (n=2) em 2012 e dois (n=2) em 2013. Dentre os artigos, quatro (n=4) ocorreram no Brasil, dois em Portugal, um (n=1) nos Estados Unidos, dois (n=2) na Holanda, um (n=1) na Itália e um (n=1) na Grécia. Os artigos avaliaram as opiniões e os posicionamentos da população geral, frente à integração escolar de alunos com síndrome de Down, sendo que, apenas um (n=1) artigo que teve como amostra os professores, nesse caso foi avaliado seus depoimentos a respeito da inserção dos alunos na rede regular de ensino.

Entretanto, apenas um artigo dos onze que foram selecionados responderam a busca da revisão, uma vez que pesquisou diretamente ideias e pensamentos de professores, provocando alguns questionamentos acerca do futuro profissional da pessoa com síndrome de Down. Assim, conclui-se que, a maioria dos estudos tem a intenção de tornar o processo de inclusão da criança com síndrome de Down na rede regular de ensino de forma que seja da melhor maneira possível, tanto para a criança quanto para a família,

que possam se sentir preparados e acolhidos durante esse período, além de afirmar que todos são responsáveis pela inclusão, tanto a escola quanto a sociedade.

A dissertação realizada por Faria (2019) teve como objetivo discutir sobre o processo de interação comunicacional das pessoas com síndrome de Down por meio da fotografia. Trata-se de uma pesquisa documental, que foi empregada para levantar o processo histórico de construção da Associação Down de Goiás, além do acervo online da Presidência da República sobre os marcos legais nas políticas de inclusão. A primeira ação desenvolvida dentro da Associação Down de Goiás, na cidade de Goiânia, foi a implantação de uma Biblioteca dentro do espaço físico da instituição, e a partir deste equipamento cultural elaborou a I e II Oficina de Fotografia, com a participação de crianças, jovens e adultos com Síndrome de Down, e pessoas da comunidade sem deficiência.

Os resultados obtidos comprovaram que, alguns jovens se comunicam sem barreiras, porém outros necessitam de estímulo para avançar no processo de comunicação. A verbalização de alguns participantes é restrita, e na fotografia encontram uma forma de aprimorar sua comunicação com mundo. Houve relato informal de uma mãe participante, por estar saindo de um processo quimioterápico sua autoestima estava fragilizada, e após participar das atividades se sentiu livre, com vontade de viver e nas palavras dela “recobrou a minha autoestima”. A outra participante é uma jovem com síndrome de Down, com 28 anos e que a mãe relatou que a filha não tinha a iniciativa de fotografar, possuía o celular a certo tempo, mas não via essa função no aparelho e após participar das atividades despertou nela a vontade de se fotografar e distribuir suas fotos pelos grupos em que participava.

DISCUSSÕES

Os estudos selecionados discorrem sobre as características da interação social de pessoas com síndrome de Down e destacam também sobre a importância da inclusão desses sujeitos em todos os contextos em que estão inseridos, visando o pleno desenvolvimento de suas habilidades comunicacionais, intelectuais, sociais, culturais, pessoais, etc.

O estudo de Koch e Silva (2016) diferencia-se dos demais estudos, uma vez que trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Entretanto, apesar de utilizar um delineamento diferente, os autores analisaram as interações entre a educação inclusiva e a síndrome de Down em diferentes contextos, selecionando estudos que versavam sobre as opiniões da população em geral e também de professores.

Diferentemente do estudo de Koch e Silva (2016), Anhão, Pfeifer e Santos (2010) realizaram uma pesquisa de campo com o intuito de analisar a interação social de crianças com síndrome de Down e de crianças típicas na rede regular, na qual também foi destacada a importância da inclusão das pessoas com deficiência nas escolas regulares, para que ocorra a interação com as crianças.

Corroborando com a perspectiva de Anhão, Pfeifer e Santos (2010), o artigo de Esteves, Cruz e Bertelli (2012) também mostra a necessidade da inclusão das pessoas público alvo da educação especial no ensino regular, destacando também que, as crianças com síndrome de Down quando em contato com crianças sem a síndrome apresentam um maior empenho social e escolar, fazendo com que a sua interação seja melhor aproveitada.

Entretanto, com o estudo de Rodrigues, Bianchi, Aissa, Souza e Galvani (2019) fica evidente que ainda é necessário mais estudos relacionados a inclusão de pessoas com SD, sua interação social e que cada pessoa possui suas especificidades. Logo, não se deve generalizar os casos e sim trabalhar para que todas sejam incluídas e tenham os mesmos direitos em sala de aula.

Nesse sentido, os resultados de todos os estudos também analisaram que a interação social, seja na infância, adolescência ou fase adulta, ou seja, em todos os âmbitos, é fator determinante para o desenvolvimento dos aspectos sociais, para construção da identidade das pessoas com síndrome de Down e contribuição em tarefas e situações de aprendizagem desafiadoras que sejam solicitadas a pensar, a resolver problemas, a expressar sentimentos, desejos e a formular e tomar iniciativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse estudo permitiu verificar que nos últimos onze anos poucas foram as pesquisas que contemplaram a temática interação social das pessoas com síndrome de Down, sendo necessário que sejam realizados novos estudos explorando o tema aqui estudado.

Por meio dos estudos selecionados tem-se que, apesar da inclusão escolar não ter sido foco do estudo, foi uma temática presente na maioria das pesquisas encontradas, visto que é muito debatida e que ainda existem posicionamentos contrários. Assim, é de extrema importância que as pessoas com deficiência sejam incluídas, de fato, nas escolas regulares de ensino e que essa inclusão irá favorecer a interação social desses sujeitos, além de auxiliar no desenvolvimento de habilidades essenciais.

REFERÊNCIAS

ANHÃO GOMES P. P; PFEIFER L. L; SANTOS J. L. **Interação Social de crianças com Síndrome de Down na educação infantil.** Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.16, n.1, p.31-46, Jan.-Abr., 2010.

ASSUMPÇÃO DE OLIVEIRA, J. S.; LOURENÇO, S. S.; FERNANDES, H. L. **Dinâmicas em sala de aula: Liberdade e interação social na produção do conhecimento.** Rev. Int. de Form. de Professores; Itapetininga, v.3, n.1 p.18-34, 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de atenção à pessoa com Síndrome de Down.** Brasília: Ministério da Saúde, 25 p, 2020

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Tradução de Luís A. Reto e Augusto Pinheiro. 5 ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BUCKLEY, S.; BIRD, G. Including children with Down Syndrome. **Down Syndrome News & Update**, v.1, n.1, p.5-13, 1998.

COSTA, D. F. da. COSTA, Solange Mantanher Maciel e . TUCHINSKI, Carla Maria Fernandes. MIGUEL, Eliana Alves. OLIVEIRA, Maria Ferreira da Silva. WATHIER, Juliana Costa. **Educação inclusiva: breve contexto histórico das mudanças de paradigmas.** Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, Nº. 92, ano 2016

CORRETGER, J. M. et al. **Síndrome de Down A-Z.** Editora Saberes, Campinas 269 p. 2011.

CUNNINGHAM, C. **Síndrome de Down:** uma introdução para pais e cuidadores. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. Ed 3. Porto Alegre: Artmed, 312 p. 2008.

DEL PRETTE, Z.A.P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância:** teoria e prática. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 289 p. 2005.

MANCINI, M. C. et al. Comparação do desempenho funcional de crianças portadoras de síndrome de Down e crianças com desenvolvimento normal aos 2 e 5 anos de idade. **Arq. Neuro-Psiquiatr.**, São Paulo, v. 61, n. 2B, 7 p. 2003.

WUO, A. S. **A construção social da Síndrome de Down.** **Cadernos de psicopedagogia**, São Paulo, v. 6, ed. 11, p 1-18, 2017.

PUESCHEL, S. (Org.) **Síndrome de Down.** Guia para pais e educadores. Tradução Lúcia Helena Reily. Campinas: Papirus, ed 14. 300 p. 2000.

SCHWARTZMAN, J. S. **Síndrome de Down.** Ed 2. São Paulo, 314 p. 2003